

Nosso crespo é de rainha

Aline de Oliveira Braga¹

RESUMO

O presente artigo apresenta uma intervenção pedagógica realizada em uma creche pública, da rede de ensino do município do Rio de Janeiro, com crianças de 4 anos de idade. Como pressupostos teóricos, foram adotadas as ideias de Frantz Fanon, sobre o racismo como fenômeno estruturante das sociedades modernas; bell hooks, sobre a relação das pessoas negras com os cabelos crespos; e de Nilma Lino Gomes, sobre identidade e cabelo crespo. A metodologia utilizada contou com uma roda de contações de história da literatura infanto-juvenil para crianças negras, incluindo a passagem de um espelho e de fotografias como mecanismos pedagógicos para que as crianças enxergassem sua beleza ao fortalecer sua identidade por meio de sua autoimagem. Desse modo, construímos em sala modos de resistência ao racismo por meio de livros e ações fortalecedoras da autoestima das crianças negras.

PALAVRAS-CHAVE: cabelo crespo. educação infantil. literatura infantojuvenil.

INTRODUÇÃO

Na sociedade brasileira, as crianças negras vivenciam precocemente o racismo e seus danos psíquicos. Ela nasce em uma sociedade que não a representa, negando a sua presença, atribuindo-lhe o desejo de ser de outro jeito para ser vista como bonita dentro de determinados padrões estéticos. Esse caminho traduz-se no pagamento da identidade racial de meninos e meninas negras que na primeira infância se referenciam por princesas brancas, bonecas brancas e pessoas brancas como símbolos do belo. Existe um projeto de afirmação da identidade branca como positiva em detrimento da identidade do povo negro, vista como negativa nas construções do imaginário social. Nos bastidores desse cenário, temos uma dinâmica que relega os corpos negros ao silenciamento. Desse modo, o racismo cotidiano torna-se uma experiência coletiva, reforçada pela invisibilidade dada a questão racial.

A infância do povo negro é permeada pelas falas que apontam o cabelo crespo como ruim, como algo que precisa ser “domado”. Esses discursos são reproduzidos cotidianamente no pensamento de negros e brancos. A partir das observações de Fanon (1968), é possível estabelecer um paralelo com as

¹ Mestra em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Universidade do Estado do Rio de Janeiro e docente da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. E-mail: alineoliveira-18@hotmail.com

práticas racistas presentes nas sociedades atuais. O negro precocemente convive com os apontamentos sobre sua aparência e cresce aprendendo a achar bonitas as características brancas, em oposição às suas. A cor da pele e a textura do cabelo são destacadas na primeira infância como algo que precisa ser modificado para ser aceito. O cabelo crespo é enfatizado como despenteado, relacionado ao desmazelo.

Ser criança e negra é conhecer nas mídias, nos livros e nos outros, olhares e opiniões pautadas no racismo e no ideal de aproximação com o mundo branco. O embranquecimento torna-se para o negro a fuga dos apelidos na escola, na rua e nos demais espaços sociais. Nesse sentido, ele aprende que precisa alisar o cabelo para ter boa aparência, muitas vezes justificando as ações nesse sentido pela praticidade. De acordo com esse pensamento, é “prático” não ouvir xingamentos e comparações pejorativas que corroem a identidade do sujeito e o afeta na alma. É preciso movimentar as estruturas para que se ressignifique sempre o nosso papel e a nossa beleza negra, pois a valorização da estética apresenta transformações na autoestima das crianças e de suas famílias.

As recentes políticas de valorização do povo negro, como a lei nº 10.639/03 tornam obrigatório que a história e cultura afro-brasileira e africana estejam presentes no currículo escolar, o que colabora para desconstrução do racismo. A tomada da estética como ato político representa, sobretudo, a desconstrução de padrões estéticos e o empoderamento de nós, negros. A elaboração de novos discursos a partir das narrativas do próprio negro se constituem como reação e resistência. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) reconhecem que a identidade da criança é construída a partir dos espaços que ela frequenta sem discriminação de gênero, etnia, faixa etária e condições socioeconômicas. Dessa forma, as DCNEI valorizam as identidades plenas que dão origem à completude da criança, fator indispensável para o exercício da cidadania a que ela tem direito, segundo a Constituição Federativa do Brasil.

Para tratar dessas questões, o presente artigo está dividido em duas sessões, além desta introdução e da conclusão: a primeira versa sobre a intervenção pedagógica realizada na creche municipal; a segunda traz uma reflexão sobre a importância de a criança negra ter referências positivas para a construção de sua autoimagem e identidade, uma vez que a constituição de sua identidade é atravessada pelo padrão de beleza branco.

ESPELHOS

Qual espelho estamos dando para nossas crianças? A literatura presente em sala reforça uma autoimagem positiva? No caso brasileiro, ainda atravessamos um processo inconsciente em que a sala de aula reforça o racismo por meio de livros, brinquedos, histórias nas quais se nega a riqueza cultural do povo negro, colocando-o como submisso dentro da sua relação com o branco. O racismo encontra a infância precocemente, quando os pequenos não se veem em seus brinquedos e se tornam desejosos de terem os cabelos lisos da Barbie,

a pele clara, os olhos azuis que caracterizam as princesas europeias. O cabelo e a cor da pele são símbolos de identidade, mas dentro da educação que nós, negros, recebemos, os nossos cabelos e cor da pele precisam se aproximar de um padrão branco. Em outras palavras: somos condicionados a embranquecer. Os conflitos em torno da nossa estética estão para além dos padrões de beleza, pois sustentam a ideia do branco como padrão de humanidade. A sociedade brasileira nos fornece, logo em nossos primeiros passos, histórias tristes que cristalizam a ideia do escravo submisso e do senhor bondoso, responsável por relações harmoniosas. A literatura negra chega para marcar a existência e a resistência nos tornando visíveis, donos de nossas narrativas, histórias e jeitos de olhar o mundo. Esse processo é oriundo de muitas lutas, muitas mão negras ancestrais lutaram para que fôssemos reconhecidos. Sabe-se que o reconhecimento não implica na erradicação do racismo, mas na criação de mecanismos para a luta antirracista. Desde a primeira infância, a pessoa negra tem o seu cabelo classificado como “ruim”, na intenção de que os sinais de ligação com a África precisam ser apagados, alisados, modificados para serem aceitos socialmente. Desse modo, quando a escola intervém contra esse discurso, ela está se descolonizando dos padrões criados pela branquitude, como discorre kilomba (2019, p. 128):

“As mulheres negras alisam seus cabelos [...] porque quando você está com seu cabelo natural as pessoas te xingam” Mas esse processo de ter de fabricar sinais de branquitude, tais como cabelos alisados, e encontrar padrões brancos de beleza, a fim de evitar a humilhação pública, é bastante violento.

A(s) identidade(s) é(são) construída(s) dentro da socialização que recebemos, a todo o momento, por meio de influências, informações que nos esculpe dentro do processo de criação do que somos. E para o povo negro esse processo se dá no cerne de uma sociedade racista, que o impõe padrões culturais eurocêntricos. Os cabelos das meninas negras da sala na maioria das vezes partiam da concepção, dos olhares que suas mães mantinham sobre os seus cabelos. De acordo com Fanon (1968), os negros são construídos como negros. A colonização, portanto, não requer apenas a subordinação material, mas os meios pelos quais as pessoas devem se expressar e se entender. A partir do pensamento do autor, é possível concluir que o racismo que estrutura as sociedades modernas enfatiza os valores do branco em detrimento da cultura africana, desvalorizando a estética negra.

Essas dimensões simbólicas foram construídas na infância e reforçadas socialmente. O cabelo crespo é parte constitutiva da identidade étnica negra. A etnicidade aciona o sentimento de pertença a determinado grupo, sua língua, história comum, que explica a origem daquele grupo étnico-racial. Assim, os cabelos crespos fazem parte de um conjunto de símbolos étnicos que fortalecem a etnicidade dos negros brasileiros. Sendo assim, construir-se como negro é, sobretudo, desvincular-se das negações históricas sobre nossa humanidade.

Durante todo o processo de socialização da criança negra, a instituição escolar manteve apenas a existência da referência histórica e cultural do

colonizador, que era o branco, católico, proveniente de uma origem exaltada como superior em detrimento das demais. A contribuição positiva dos índios e negros e de uma série de outros povos para a formação nacional era marginalizada pelo contexto escolar, o que reforçou preconceitos existentes historicamente em decorrência da escravidão.

A posição de escravo, subalterno, comercializado como mercadoria humana vigorou nos livros didáticos, assim como no imaginário da população branca e não branca. A prática do racismo fez o povo negro encontrar em todas as instituições tratamentos diferenciados no que tange à saúde, à educação, ao respeito pelo seu fenótipo, pelas suas tradições e valores originados de sua ancestralidade africana.

INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A turma do maternal II, situada em uma creche da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro, tem 26 crianças e duas agentes de educação infantil. Desde o início do ano letivo nos propusemos a trabalhar com literatura negra e antirracista. As experiências vividas na creche devem ser asseguradas com base no respeito às diferenças. O objetivo dessa proposta pedagógica foi construir uma educação antirracista dentro da educação infantil ao utilizar a literatura infantil para a contação de histórias com protagonistas negros(as). Por meio da literatura é possível apresentar às crianças a diversidade cultural, transmitir mensagens e oferecer outras visões de mundo. É de suma importância que a literatura oferecida à criança negra tenha representatividade positiva, ao invés de reproduzir o racismo presente no imaginário social.

As produções nacionais estão fortalecendo cada vez mais a criança negra, trazendo-as dentro de narrativas que positivam seus corpos, cabelos, e identificação racial, estruturando referências afirmativas sobre sua origem racial. Esse caminho vem marcando nossas memórias, identificação com o outro, religião com África e fortalecimento contra o racismo. Na roda de contação de história sempre nos atemos aos valores civilizatórios do povo negro presentes nos livros, nas imagens que possuem grande significado para as crianças, a relação dos povos com a natureza, a comunidade, com os mais velhos, a valorização da beleza africana e afro-brasileira. Nesses passos, trouxemos o livro da autora Bell Hooks (2018): “O Meu crespo é de rainha”, com belíssimas ilustrações de Chris Raschka, e apresentamos para as crianças uma menina negra que amava os seus cabelos.

A menina dizia que os seus cabelos era para “enrolar, trançar ou deixar como está”. Esse trecho iluminou tantos olhares, e trouxe desejos de toques entre os múltiplos cabelos existentes na sala de aula. As meninas repetiam como entusiasmo “o meu cabelo é assim”, tocando-os com muito amor e delicadeza, enquanto outra menina apontava para a personagem e via sua mãe nas imagens, mostrando no final da aula o livro para a responsável. Os crespos e cacheados, os birotos e trançados das pequenas rainhas foram visibilizadas por meio de toques, carinho, livros e um espelho. Elas miraram-se no espelho do

mundo, olhando os seus os traços, sua beleza negra, suas diferenças, seu jeito de ser e estar no mundo. O espelho entrou em cena para mostrar a beleza da nossa pele, dos nossos traços, dos nossos cabelos, a beleza de sermos diversos.

Esse encontro da infância com personagem de cabelos livres e lindos de rainha mostrou que todas têm coroas de rainha, e a coroa é o cabelo que cresce para cima. As suas vidas foram atravessadas pelo espelho mágico que mostra peles de azeviche, olhos de estrela, traços de uma África que resiste e nos potencializa. As crianças negras se enxergaram e se amaram enquanto crianças negras, ressignificando o mundo, criando estratégias para fortalecer a sua negritude nas brincadeiras com bonecas negras, nas contações de histórias com personagens negros, na afirmação positiva de sua identidade.

O cabelo as permitiu outros voos, outros sonhos, deu-lhes poder. Naquele momento tão emocionante e cheio de significado para uma professora negra, veio uma menina, chamada aqui de Estrela, que pediu para fazer uma amarração de turbante. O pedido foi extremamente marcante, pois ela sempre se negou a fazer amarrações. Após o término da amarração, Estrela se olhou por alguns minutos no espelho, sorriu, e fez o movimento de passar o espelho para outras crianças, dizendo: “Olha, como você é!” As outras crianças sorriam, pegavam o espelho e repetiam o movimento. Registramos tudo em fotografias e palavras escritas. Ainda em roda, combinamos de realizar uma exposição com fotos que registraram o nosso processo de descobertas em sala. Sendo assim, selecionamos as fotos, escolhemos os suportes, e montamos a exposição: “O meu crespo é de rainha”. O mural da escola foi marcado por rompimentos e novas representações sociais, pois nossas crianças negras estavam presentes com turbantes, birotos, chiquinhas, trancinhas herdadas da resistência. É importante destacar também que minha imagem de professora negra, que usa turbantes e valoriza os cabelos crespos contribuem fortemente para o fortalecimento da autoimagem dos pequenos.

ESCURENDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O racismo permeia o imaginário social e suas marcas encontram-se na escola, no currículo escolar, nos materiais didáticos dotados de estereótipos raciais. Essas situações contribuíram para a promoção do racismo. Por intermédio da escola, é possível perceber a existência de uma pedagogia racista, que desvaloriza o alunado negro através do material didático, do silenciamento frente à questão racial. A sala de aula reforça o racismo por meio de livros, brinquedos, histórias nas quais se nega a riqueza cultural do povo negro, colocando-o como submisso dentro da sua relação com o branco.

A luta antirracista tem no currículo um importante aliado para a renovação das práticas escolares. O processo histórico de lutas proporcionou o direito a um ensino que contemple a diversidade étnico-racial, com a lei nº 10.639/03. Cabe à educação infantil se tornar um ambiente de aprendizagens que valorize a diversidade brasileira e ensine o respeito ao outro. Para o público infantil, a

linguagem corporal do adulto transmite referências. Diante disso, é importante promover práticas que favoreçam o respeito à singularidade de cada criança e seus aspectos corporais e culturais.

O racismo é reconhecido e também combatido pelo movimento negro que reivindica o protagonismo de mulheres, homens e crianças negras e propõe uma contraideologia, pautada na sua própria existência e ancestralidade, das quais são reapropriados aspectos simbólicos e culturais. Assim sendo, no caso Brasil estão sendo criados mecanismos de combate e resistência ao racismo que vêm exercendo uma importante função no plano das relações raciais. No Brasil, o racismo é crime inafiançável e os movimentos negros buscam apontar e discutir o racismo institucional e as suas formas sutis de atuação. Opera-se dentro dos movimentos a ideia de conscientização política de nós, negros, sobre os mecanismos de racismo enraizados em nossa sociedade.

Desse modo, as ideias de Fanon (1968), utilizadas nas reflexões feitas aqui, são atuais para se pensar as estruturas racistas que operam nos espaços sociais e condicionam a existência do negro. A estrutura do racismo faz nascer a negação de si, ou seja, o “complexo de inferioridade” que, por sua vez, começa na infância. A criança negra cresce em meio a profundas divergências entre o universo infantil das referências familiares e o universo público, marcado pela dominação europeia e os seus valores. Dentro dessa perspectiva, para Fanon (2008, p. 128), uma “criança negra normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.” O pensamento fanoniano que norteia o presente estudo explicita que a criança negra tem uma experiência diferenciada se comparada à criança branca. Ela não possui referências positivas na sociedade do mesmo modo que a criança branca possui, pois o branco tem as referências e símbolos presentes no espaço familiar e público. Os programas de TV, os livros, os brinquedos, os filmes que a cercam nas primeiras vivências infantis privilegiam os seus valores e o fenótipo em detrimento da cultura, da aparência e dos valores da pessoa negra.

A mensagem é de persistência e reflexão, pois os apelidos e comparações pejorativas referentes ao cabelo existem e devem ser combatidos. Desde a mais tenra idade, o negro convive com os xingamentos a respeito da sua aparência. O cabelo crespo é um símbolo importante na construção de uma identidade positiva do negro. A representatividade positiva, portanto, constitui-se como um importante alicerce das lutas e resistências culturais travadas pela pessoa negra diariamente. Ao estabelecer um diálogo com o pensamento de Fanon (1968), é possível identificar que no Brasil existe a sobrevivência do racismo em uma estrutura que se difere da colonial, pois vigora através de novas roupagens. O racismo é institucional e permanece nos mais diversos espaços sociais, acarretando discriminação nas ações estatais como os seus investimentos em saúde, educação, processos de seleção, nas ações das forças repressivas. Na publicidade, na ausência de representatividade positiva na televisão, nos livros didáticos, na valorização das pessoas com o tom de pele mais clara e com os cabelos lisos. O racismo está nas pequenas ações do cotidiano, tecendo as relações raciais e alimentando nos sujeitos a ideia de inferioridade e crença nos

valores, na estética e na história do outro como superior à sua. Dentro dessa perspectiva, o modelo de referências é eurocêntrico e são apresentados nas vivências da maioria de nós, negros.

Através da literatura infantil, da musicalidade, da arte e dos brinquedos é possível realizar abordagens de forma positiva. A literatura tem produzido histórias que abordam a temática africana, trabalhando histórias, origens, lendas que dizem respeito à ancestralidade dos africanos e afro-brasileiros. Entre essas histórias, ressaltamos as que tratam do tema “cabelos crespos” e as que possuem crianças negras como protagonistas. Sabemos que o amor aos nossos traços, aos nossos cabelos é um ato político, é resistência, pois a nossa estética é rejeitada. A nossa imagem espelhada nos olhos dos brancos é vista como algo que precisa ser manipulada, alisada. Esse padrão de beleza marca a ideia do branco como superior. O negro tem suas primeiras experiências com o cabelo crespo muito cedo. Durante a infância, ocorrem os primeiros momentos de intervenção. Segundo Gomes (2008, p. 184):

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância.

Desse modo, para o negro os cuidados com o corpo são uma forma de romper com os apelidos e os estereótipos negativos. O sentimento de rejeição com os cabelos crespos é vinculado à trajetória da criança negra durante sua infância por meio das falas dos adultos e dos referenciais da cultura dominante. O ingresso da criança negra na escola e em outros círculos sociais a coloca no conflito de aceitação/rejeição vivido pelo negro nas sociedades contemporâneas. Dentro dos espaços sociais, surgem os apelidos e o destaque negativo dado aos seus cabelos crespos. O cabelo é construído no imaginário social como algo que precisa ser manipulado e transformado para ser bonito, sendo uma das formas de se representar o corpo negro de maneira negativa. A desvalorização do cabelo crespo e os discursos em torno de uma aparência pensada como feia e ruim são considerados no contexto desta pesquisa como algo que precisa ser analisado, refletido, discutido, tendo em vista que as crianças sofrem precocemente com os apontamentos feitos sobre sua aparência. Nessa perspectiva, o cabelo aparece dentro de um discurso racista, que o classifica como inferior em relação ao cabelo do branco. Desse modo, é lançada ao negro a obsessão por mudanças na estrutura do cabelo crespo, pois se adentra em lutas por autoestima e aceitação. Conforme discorre hooks (2005, p. 4):

Aos olhos de muita gente branca e outras não negras, o *black* parece palha de aço ou casco. As respostas aos estilos de penteados naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca:

não só como feio, mas como atemorizante. Nós tendemos a interiorizar esse medo. O grau como nos sentimos cómodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo.

Em consequência, a intervenção estética através dos alisamentos é uma maneira de escapar da identidade negativa. O alisamento significa um ritual de passagem para um universo em que o cabelo liso é valorizado, pois faz parte da cultura dominante. A identidade negra também tem a sua afirmação através do cabelo. A valorização do cabelo afro, do corpo negro é algo que está vinculado a se assumir enquanto negro. Assim, é construída a “beleza negra” em oposição a um contexto social opressor.

Na contemporaneidade, vivenciamos um forte movimento de reafirmação da cor da pele, dos traços e da ancestralidade que remodelam os sentimentos do negro sobre o corpo. A reflexão cria um novo território no qual corpos e cabelos crespos transitam para um novo estar no mundo. As revistas, jornais e internet estampam a nova roupagem, a positividade resgatada em ser negro. Nesse contexto, as práticas racistas, o preconceito e a ausência de representação são materializadas, expostas e redimensionadas para dentro do rol de discussões. A criação de políticas de reparação, o reconhecimento do racismo e inserção da mulher negra também como dirigente dessa luta clarifica novos posicionamentos no país.

O apelo à união, o protesto contra o alisamento imposto pela química, pelo ferro quente – muito utilizado por nossas avós, mães e tias – e a raspagem em relação aos homens, pois muitos raspam o cabelo a vida inteira, desde pequenos, culminam no processo de reconstituição da beleza negra, do amor próprio. Atravessamos tempos em que o negro usa o próprio negro como espelho, como modelo de beleza e sucesso. Embora ainda haja uma situação desigual advinda do racismo, encontramos reações expressas no comportamento corporal e na linguagem que esfacelam as imposições culturais.

A colonização do cabelo crespo é reconhecida como exemplo de dominação racista, o que gera abertura para a resposta do corpo aos danos psíquicos causados pela violência dos padrões. A experiência do negro com a questão do cabelo nas recriações culturais o deslocam do lugar de subalternidade, chegando ao lugar da trajetória escrita por novas expressões culturais. A politicidade que gira em torno desses novos caminhos recria no espaço educacional as novas lutas travadas na sociedade.

A partir de ações de intervenção, como a implementada nesta pesquisa, estamos construindo no espaço da creche uma nova maneira das crianças e dos seus responsáveis se enxergarem enquanto negros. A intervenção pedagógica inaugurou novos olhares, falas e discussões entre as crianças, que por vezes começaram a questionar os padrões estéticos estabelecidos, fazendo apontamentos em relação aos brinquedos. Nesses passos, observamos que as bonecas negras também foram mais escolhidas, assim como os livros de literatura negra eram mais solicitados e procurados no espaço da leitura. O

movimento de educação antirracista também chamou atenção de outras turmas, pois montamos um projeto em comum sobre cantores(as) negros(as) que possuem representatividade musical, como Wilson Simonal.

A sala da educação infantil é um cenário de descobertas e experiências enriquecedoras. Sendo assim, dialogamos com as linguagens que juntas formam um mundo de “belezidades” para a primeira infância. O encontro com o livro “O meu crespo é de rainha” (HOOKS, 2018) e com o espelho, trouxe brilho no olhar e comparações a partir de si. Isso é muito importante para a criança negra, pois sempre lhe deram o espelho do branco como mira de perfeição, exemplo de beleza a seguir. Nessa prática, o espelho operou além do simples objeto que representa, pois permitiu que crianças se vissem como belas, princesas, únicas e capazes de ser o que quisessem no mundo. A imagem fortalece traz para fora, arranca, descreve com verdade tudo o que o racismo distorce. O livro e o espelho, as palavras da professora, o sorriso dos responsáveis, o olhar de outras crianças, tudo acolheu, fortaleceu e criou poder. A literatura abriu caminhos para que meninas de 2019 pudessem dizer que amam seus cabelos, sua pele, seus traços. Gente miúda, que já diz tanta coisa que as crianças de muitas décadas e séculos nem ousaram dizer ou sequer pensar, pois o racismo cala.

A educação antirracista existe para nos devolver a humanidade retirada, o silêncio velado, o cabelo alisado, o corpo negado, os espaços não percorridos, o não lugar. As imagens que circulam em nossa sala têm fotos de crianças, personagens negros de desenhos, pessoas negras famosas, pois entendemos o quanto representatividade importa para infância e para todos nós negros. A literatura infantil que traz o povo negro como protagonista está lançando mão da quebra das imagens estereotipadas carregadas pelos livros paradidáticos no Brasil, que antes ostentavam apenas personagens brancos em suas histórias. O racismo expresso nesses livros significava para a vida social da criança negra a sua inserção nas rodas de piadas e olhares distorcidos, o que gerava o fortalecimento da opressão. Desse modo, cortar o cabelo e alisá-lo expressa a maneira de muitos negros fugirem da desvalorização. Esse momento desencadeia o estalar dos danos psíquicos e o encarceramento do corpo. As imagens têm uma forte função ideológica, pois se constituem como veículo de transmissão de mensagens que podem contribuir para o assentamento do racismo.

CONCLUSÃO

A literatura é um importante mundo de referências para as crianças, pois ela constrói pontes para rompermos com o racismo presente na sociedade brasileira. Por meio da literatura antirracista africana e afro-brasileira estamos desnaturalizando as ideias racistas direcionadas aos cabelos crespos, negados historicamente, marcados como um desvalor. A forma de pensar cabelos, corpos e a presença do povo negro no Brasil gera o fortalecimento da autoestima da

criança negra e a criação de novos passos dentro da sociedade brasileira. Passos firmes, que caminham para a afroinfância.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 2010.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Tradução Lia Maria dos Santos. **Revista Gazeta de Cuba**, Unión de Escritores y Artistas de Cuba, jan./fev. 2005. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com.br/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>. Acesso em: 3 ago. 2019.

HOOKS, Bell. **Meu crespo é de rainha**. Ilustrações de Chris Raschka; [Nina Rizzi]. São Paulo: Boitáta, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.